



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

CLEITTON LOURENÇO DA SILVA

**ALÇAMENTO E ABERTURA DE VOGAIS PRETÔNICAS
ANTERIORES NO FALAR ALAGOANO**

Maceió - AL

2020

CLEITTON LOURENÇO DA SILVA

**ALÇAMENTO E ABERTURA DE VOGAIS PRETÔNICAS
ANTERIORES NO FALAR ALAGOANO**

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Letras como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira

Maceió - AL

2020

RESUMO

Muitos estudos sobre a variação nas vogais médias em posição pretônica no Português do Brasil (PB) buscam entender quais os processos condicionadores para essa regra variável. Este trabalho tem como objetivo analisar o alçamento e a abertura de vogais médias pretônicas anteriores no falar de Maceió/AL e Arapiraca/AL, buscando identificar e explicar os fatores favorecedores do processo. O estudo está ancorado na perspectiva teórica da Teoria da Variação e Mudança Linguística (cf. LABOV, 1972), o qual prevê a análise de dados coletados em situações reais de uso da língua. A pesquisa faz parte do projeto “Variação Linguística no Português Alagoano - PORTAL”. O *corpus* analisado neste trabalho foi constituído por 48 entrevistas, 24 falantes de Maceió/AL e 24 falantes de Arapiraca/AL, estratificados em relação ao gênero (masculino e feminino), à idade (entre 18 e 35 anos, entre 45 e 55 anos e >65 anos) e à escolaridade (<9 anos e > 11 anos). Todos os falantes selecionados são nascidos em Maceió/AL ou Arapiraca/AL ou que, pelo menos, morassem nessas cidades há mais de 20 anos. Os dados foram transcritos e analisados acusticamente com o auxílio do *software* PRAAT. A análise estatística foi realizada com o auxílio do *software* R. O método estatístico utilizado foi a regressão linear, tendo como variável dependente a diferença entre o 2º formante e o 1º formante vocálico. As variáveis estatisticamente significativas foram o ‘gênero’, a ‘idade’, a ‘cidade’ e a ‘abertura da vogal tônica’. A partir das análises e das discussões realizadas, concluímos que no contexto arapiraquense, há indícios de que o fenômeno se encontra em processo de mudança linguística em progresso em direção ao alçamento. Em Maceió, a faixa etária intermediária é a faixa que mais favorece o alçamento, o que indica um processo de variação estável. Há mais alçamento em Maceió do que em Arapiraca. O gênero feminino favorece o alçamento em relação ao masculino. Conclui-se também que há uma relação diretamente proporcional entre a altura da tônica e a altura da pretônica, o que pode ser explicado pela regra de harmonização vocálica, como já propunham outros estudos.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista, Variação linguística no português alagoano, Alçamento e abertura de vogais médias pretônicas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamenta-se na teoria da Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972), que afirma que as línguas são sistemas heterogêneos e sofrem influências externas a elas, sendo possível o entendimento de falantes de uma comunidade, apesar da diversidade linguística.

De acordo com Coelho *et. al.* (2012) “uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas” e “a aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico (COELHO *et. al.*, 2012, p. 24)”. A estas formas linguísticas em variação, dá-se o nome de variantes linguísticas.

Para Tarallo (2004, p. 8), o conceito de “variantes linguísticas” são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

No português brasileiro, há uma quantidade significativa de análises a respeito do fenômeno variável de alçamento e abertura de vogais pretônica no intuito de compreender os processos que envolvem e provocam tal variação.

Esse estudo tem como objetivos (1) apresentar um estudo sobre esse fenômeno no falar alagoano, buscando identificar e explicar os fatores favorecedores do processo; (2) investigar o efeito das variáveis sociais ‘gênero’, ‘faixa etária’ e ‘escolaridade’ no processo de variação em estudo; (3) investigar o encaixamento linguístico do processo no português alagoano; (4) averiguar se o processo trata-se de um caso de mudança linguística em progresso ou de variação estável no português alagoano. A pesquisa faz parte do projeto ‘Variação linguística no Português Alagoano – PORTAL’, cujo principal objetivo é a constituição de um banco de dados de falares alagoanos de forma a permitir o desenvolvimento de pesquisas linguísticas nas mais diversas áreas que consideram a língua em uso como objeto de estudo.

Neste estudo, diferentemente de outros trabalhos sobre o tema, a variável dependente será a diferença entre F2 e F1, ambos correlatos acústicos que refletem a altura e a posição das vogais na cavidade oral.

Vejamos, a seguir, alguns exemplos observados nos dados.

- a. embora: [ĩ' bɔrə]
- b. pequeno: [pĩ' kɛnɔ]
- c. terreno: [tɛ' hɛnɔ]
- d. interior: [ĩtɛri' oh]
- e. negócio: [nɛ' ɡɔsiu]

f. remédio: [he'mɛdiu]

Destacadas as observações acima, as palavras ‘embora’ e ‘pequeno’ foram realizadas com as vogais pretônicas altas, processo denominado ‘elevação’ ou ‘alçamento’. Esse processo ocorre quando as vogais pretônicas /e/ e /o/ são alçadas para [i] e [u]. No exemplo seguinte, têm-se na palavra ‘terreno’ e ‘interior’ um abaixamento da vogal, também conhecida por abertura; isto se dá ao fato das vogais pretônicas ser realizadas como [ɛ] ou [ɔ]. Por último, nas palavras ‘negócio’ e ‘remédio’, têm-se a manutenção da vogal como média fechada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão apresentados aspectos da teoria sociolinguística variacionista, os quais nos ajudarão na compreensão do processo aqui investigado.

O principal teórico da sociolinguística variacionista é William Labov, o qual se inspirou nos pressupostos de Antoine Meillet, o qual propunha a enfatizar o caráter social e evolutivo da língua. Diferentemente de correntes anteriores, que desconsideravam a interferência de fatores sociais no estudo da língua e descreviam esta como um sistema homogêneo, a perspectiva laboviana considera as influências externas da língua, tais como os aspectos históricos, sociais e ideológicos.

Para Labov, não existe uma comunidade de fala homogênea. O que há é uma língua heterogênea que sofre variação nas comunidades de fala. Para o autor, não pode haver dois falantes que se expressem na fala de maneiras idênticas, tampouco um mesmo falante que se expresse da mesma maneira em situações distintas de comunicação.

Coelho e outros (2012) afirmam que “[...] enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes (i.e., que sempre se aplicam da mesma maneira por todos), a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis”. (COELHO; GÖRSKI; MAY; SOUZA; p. 24, 2012). Tais regras permitiriam que, “em certos momentos, em certos contextos linguísticos e sociais, falemos de uma forma, e, em outros contextos, de outra forma” (p.24).

Labov trouxe à tona o fator social na análise linguística como ponto de partida essencial. A Teoria da Variação e da Mudança Linguística proposta pelo autor se ocupa da

relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala (COELHO; GÖRSKI; MAY; SOUZA; p. 22, 2012).

Conforme menciona Labov:

uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). Ainda de acordo com o autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

A língua, cujo sociolinguistas variacionistas têm-se voltado para análise, apresenta uma “heterogeneidade sistemática” que está relacionada à identidade dos grupos sociais e à demarcação de características sociais diferenciadas numa determinada comunidade de fala. A utilização desse sistema heterogêneo é parte da competência comunicativa dos indivíduos.

Coelho e outros (2012) apontam que o objetivo dos sociolinguistas seria como “descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e também da matriz social em que ocorre e como que ela pode levar à mudança na língua” (p. 26).

Para Tarallo (2004) as formas linguísticas em variação são constantes em toda comunidade de fala. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes linguísticas, que “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade (TARRALLO, 2004, p. 8)”. Ainda segundo Tarallo (2004, p. 8), a um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’.

Conforme Tarallo (1986, p. 36), a sistematização do “caos” linguístico demonstra, em seus resultados, que a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem. Tais contextos são denominados “fatores condicionadores”.

Como afirma Coelho e outros (2012, p. 28), os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são as situações mais propícias para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos ao sistema linguístico ou externos a ele. Ao esclarecer os fatores condicionantes, estamos também distinguindo como a variação/mudança está “encaixada” no sistema linguístico e/ou social.

Do ponto de vista variacionista, as variantes podem receber valores diferentes pelas comunidades de fala. É importante dizer que as variantes encontram-se em relação de concorrência. Tais atribuições podem ser classificadas como padrão vs. não padrão,

conservadoras vs. inovadoras e de prestígio vs. estigmatizadas. Em linhas gerais, as variantes padrão são as que estão em concordância com o que prescrevem os manuais de norma padrão; por outro lado, as variantes não padrão que, frequentemente, são também estigmatizadas, se afastam desse modelo.

As variantes padrão, uma vez que não sejam tão usuais por uma comunidade, podem ser também variantes de prestígio, enquanto que as não padrão podem demonstrar ser as estigmatizadas pelos mesmos falantes. As variantes padrão tendem a ser conservadoras, isto é, que estão em uso a mais tempo numa dada comunidade de fala, e a tendência das variantes não padrão é de serem as inovadoras. Contudo, percebe-se que essa associação entre padrão/de prestígio/conservadora e não padrão/estigmatizada/inovadora nem sempre se observava/se aplica.

Tarralo (2004) afirma que “nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto pressupõe variação” (TARALLO, 2004, p. 63). Isto implica dizer todos os processos de mudança na língua foram, em algum momento, processos variáveis. Por outro lado, há processos variáveis que duram muito tempo ou não se concretizam.

Os processos variáveis podem ser explicados por condicionadores linguísticos (ligados a fatores internos do próprio sistema, a exemplo, aspectos semânticos, categoria de palavras, etc), sociais e/ou extralinguísticos (quando não estão ligados a fatores do sistema linguístico, mas sim a fatores externos, a exemplo de sexo, grau de escolaridade e faixa etária).

Ao expor os fatores condicionantes, cabe aqui apontar como a variação/mudança está encaixada na estrutura linguística ou social, já que estes podem auxiliar na compreensão de como a mudança se encaixa na língua e na sociedade e ainda quais são as forças que guiam a continuidade desta variação e mudança linguística. Os condicionadores têm a função de mostrar ao pesquisador sociolinguista a variante que tem maior chance de ser escolhida em detrimento de outra e possibilita verificar se a escolha e ocorrência dessas tem a ver com a situação/ambiente linguístico e/ou social.

Em relação à variável social ‘sexo/gênero’, algumas pesquisas apontam que o sexo feminino tende a usar as variantes de maior prestígio, enquanto que o sexo masculino tenderia ao uso das formas mais estigmatizadas. Quanto ao ‘grau de escolaridade’, a suposição indica que os falantes que tiveram maior contato com a cultura letrada e com um uso da variedade padrão da língua tendem a usar um maior quantitativo de variantes padrão e de prestígio.

A análise da mudança linguística pode ser feita considerando-se a variável “idade”, adotando-se uma metodologia para análise da mudança com base no “tempo aparente”. A hipótese que guia esse tipo de análise é chamada “hipótese clássica” e afirma que cada falante

é capaz de preservar durante a vida o sistema vernacular, uma vez que o falante tenha o adquirido ainda em seus primeiros anos de vida até a puberdade (aos 15 anos de idade, aproximadamente). Ou seja, na grande maioria dos casos, o falante reflete a língua adquirida até a fase da puberdade e, posteriormente, a língua vernacular desse indivíduo ficaria basicamente estável.

Ao se apropriar desta conjectura, acredita-se que a diferença entre a fala das pessoas de faixa etária maior (idosos) e intermediária (jovens) mostraria uma mudança linguística em progresso em estudos sincrônicos, conhecida como mudança em tempo aparente.

A análise da mudança linguística pode ser feita em tempo real (pesquisa diacrônica) ou em tempo aparente (pesquisa sincrônica). Na análise da mudança em tempo aparente, estuda-se o comportamento linguístico de indivíduos de diferentes gerações numa comunidade. Na análise da mudança em tempo real, leva-se em conta o comportamento histórico linguístico em distintas gerações da comunidade de fala, mas com a mesma estratificação social.

Há ainda uma segunda hipótese que prediz que a língua falada pelo indivíduo pode mudar no decorrer dos anos. Isto significa dizer que nem toda variação na fala representa mudança linguística em progresso, ou seja, é uma mudança em andamento numa determinada comunidade de fala, mas que não foi efetivada totalmente. Em alguns casos, é possível perceber, em alguns contextos, que o uso linguístico diferenciado pelas faixas etárias não aponta para uma mudança, mas para uma variação estável, representada quando jovens e velhos comportamentos linguísticos semelhantes. O indivíduo poderia modificar seu comportamento linguístico durante a sua vida, entretanto, na comunidade à qual pertence esse mesmo comportamento permaneceria estável.

Vale esclarecer que a variação não implica necessariamente a mudança linguística, visto que a mudança denota a resolução de morte de uma das variantes. Sendo assim, o sistema linguístico que permite obter duas variantes que competem pelo mesmo espaço não indica que uma delas necessariamente desaparecerá. Pelo contrário, indica que ambas podem conviver e que tal convivência pode durar anos sem que uma substitua a outra, ou seja, sem que haja mudança, a este processo denomina-se variação estável.

Como princípio geral, pôde-se observar em Tarallo (2004) que:

uma variável sociolinguística estável estará linearmente correlacionada à classe socioeconômica, de tal forma que o grupo social de status mais alto terá índices mais elevados de variante de prestígio e, conseqüentemente, a frequência menor no uso da variante estigmatizada. Mas, quando a mudança se inicia em um grupo intermediário, como o padrão curvilíneo, qual é regularmente associado à mudança em progresso (TARALLO, 2004, p. 70).

Em síntese, nem sempre um processo variável indica mudança linguística em progresso, há casos que a variação está estável, ou seja, isso ocorre quando existem duas (ou mais) formas linguísticas permanecendo numa comunidade linguística ao longo do tempo.

REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, apresentaremos e procuraremos estabelecer relações com os estudos variacionistas relacionados ao tema, os quais foram realizados em outras regiões do Brasil. São eles: Bisol (1981, 1983), Battisti (1993), Schwindt (1995), Amaral (1996), Viegas (1987), Guimarães (2006), Kailer (2008), Dias (2008), Bisinotto (2011), entre outros.

A respeito da variação das vogais médias, em posição pretônica, Bisol (1981, 1983) pressupõe a regra como muito antiga, provavelmente oriunda da Língua Latina desde o Séc. IV d.C. De acordo com a autora,

os fatos indicam a persistência ininterrupta das variáveis e~i, o~u. Elas começaram a sua história no latim dos fins do Império Romano, titubearam no português arcaico entre várias alternativas e sistematizaram-se no português quinhentista, ficando também documentadas em registros de pronúncia do séc. XVIII (BISOL, 1983. p. 255).

Bisol (1981) afirma que é um desafio enorme “(...) averiguar os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que eleva a pretônica e verificar, por meio de operações matemáticas, a probabilidade de seu uso no dialeto gaúcho” (p.56). Em sua pesquisa, a autora demonstra que a elevação das vogais é influenciada por múltiplos fatores e que um deles é a assimilação regressiva. Bisol afirma ainda que “a regularidade com que a mudança da pretônica ocorre em certos ambientes permite depreender a sistematicidade do fenômeno e a descrevê-lo como uma regra gramatical” (BISOL, 1981, p. 259).

Battisti (1993) observou que “[e] em sílaba inicial, eleva-se mais que [o], dizendo que, nessa posição, há mais condicionadores que possibilitam a elevação da vogal anterior, como por exemplo, o fato de a sílaba inicial ser prefixo (ex. d[i]smentir)”. Neste estudo, não foram identificadas regras para o fenômeno, o que se constatou foi a presença de contextos que fazem tais vogais serem mais suscetíveis à elevação, como consoantes precedentes dorsais, que tendem a favorecer a elevação de [e] e [o]. Precedentes labiais favorecem somente a elevação de [o] e precedentes palatais favorecem a elevação de [e] (BATTISTI, 1993).

Ao investigar a fala de três capitais da região Sul: Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba, a fim de observar a influência de fatores sociais e linguísticos na regra de

harmonização vocálica, Shwindt (1995) concluiu que tal regra mostra sistematicidade nos dialetos em questão. Constatou assim que se trata de uma regra gramatical, uma vez que apresentava regularidades em determinados contextos. O estudo constatou ainda que a alternância entre (e ~ i) e (o ~ u) decorre de uma ação conjunta entre diversos fatores; entretanto, não descarta a possibilidade de a harmonização vocálica ser o principal condicionador do processo. Desse modo, o autor destacou como principal regra a presença de uma vogal alta contígua e subsequente à pretônica. A tonicidade cumpre um papel secundário na elevação; só influencia se for satisfeita a condição de contiguidade.

Klunck (2007) investigou o alçamento de vogais médias na posição pretônica em Porto Alegre. O estudo conclui que a elevação das médias pretônicas sem motivação aparente sofre pouca influência de fatores linguísticos e sociais no falar gaúcho. De acordo com a autora, isto indica, possivelmente, que a região Sul preserva as vogais como fechadas e se mantém conservadora em relação às demais variedades do português relacionadas ao sistema vocálico.

Cruz (2010) também investiga a elevação das pretônicas médias em Porto Alegre/RS e explica o fenômeno sob a mesma ótica de Bisol (1981). Em relação à harmonização vocálica, o autor conclui que as vogais altas na sílaba tônica provocam o alçamento da vogal pretônica. O estudo aponta ainda, em relação ao tempo, que não há indícios de mudança em progresso em relação ao alçamento vocálico.

Ambos os estudos, de Klunck (2007) e Cruz (2010), observaram a realização do alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente, caracterizado pela ausência da vogal alta na sílaba seguinte, a exemplo de: pequeno ~ piqueno e boneca ~ buneca.

Kailer (2008) investigou se o alçamento das pretônicas [e] e [o] constitui-se como um caso de variação estável, mudança em recuo ou mudança em progresso em duas cidades do Paraná: Foz do Iguaçu e Pato Branco. As análises concluíram que há uma padronização na manutenção das vogais fechadas. Isto indica que o alçamento ocorre em situações específicas, sendo, estas, resultantes de fatores linguísticos ou de particularidade lexicais, como nos itens: 'litrinha', 'fulhinha', 'sirviço'. De acordo com a autora, em tais situações, o falante produz a variante para representar uma diferença semântica ou para enfatizar o que se pretende dizer. Nesta relação de vogais médias abertas, por exemplo, não se observa a realização, exceto nos casos em que as palavras sofrem derivações.

Viegas (1987) analisa o alçamento e a abertura das vogais pretônicas no falar de Belo Horizonte. A autora conclui que a regra de alçamento atua sobre os itens mais frequentes

primeiro (VIEGAS, 1987, p. 168). É importante mencionar a notória significância do fator semântico na análise, componente que não fora considerado em pesquisas anteriores.

Como já propunha Bisol (1981), Viegas (1987) conclui que a presença da vogal alta na sílaba tônica provoca o alçamento das vogais médias [e] e [o] devido à regra de harmonização vocálica.

Castro (1990) analisou, na fala de universitários de Juiz de Fora/MG, as situações propiciadoras ou inibidoras do alteamento ou do abaixamento de pretônicas em posição inicial absoluta, em posição interna ou em juntura vocabular. Castro (1990) concluiu que as vogais médias pretônicas, neste dialeto, tendem a ser preservadas, conforme caracterização dos dialetos do sul-sudeste (cf. BISOL, 1981; CASTRO, 1990).

Guimarães (2006) analisou o comportamento das vogais médias em posição pretônica, partindo de dados coletados dos dialetos das regiões Sul (Bom Sucesso, Lavras e Três Corações) e Norte (Bocaiúva, Montes Claros e Mirabela) de Minas Gerais/MG. Para o autor, há dois processos fonológicos atuando nas duas regiões, sendo que, às vezes, tendem a prevalecer as vogais médias [e, o] e ora ocorrem a redução vocálica. Na região norte, têm-se observado que acontece o abaixamento da vogal média pelo processo também denominado de harmonização vocálica ou neutralização.

Viana (2008) investigou o alteamento e abaixamento das pretônicas no município de Pará de Minas, também em MG, a partir das falas de trinta e três informantes. A autora concluiu que a prevalência padrão na comunidade de fala em questão é a “manutenção da vogal média como fechada”, isto significa dizer que as vogais medianas em posição pretônicas tendem a favorecer mais quando estão fechadas.

Dias (2008) compara o dialeto de duas cidades mineiras, Piranga (Zona da Mata) e Ouro Branco (Região central). A autora afirma que os aspectos sociolinguísticos demonstravam influenciar a variabilidade ocorrida na fala dessas comunidades acima citadas. Diante disto, constatou-se ainda como favorecedora à aplicação da regra a vogal alta seguinte. O estudo concluiu que tanto a abertura quanto o alçamento são mais favorecidos na cidade de Piranga. Ouro Branco, região central, se aproxima de Pará de Minas, na mesma região, corroborando os estudos de Viana (2008).

Bisinotto (2011) comparou os seus resultados com outras pesquisas, principalmente com Bisol (1981) e Viegas (1987) e constatou que são muito semelhantes. Quanto ao percentual de alçamento da média anterior, a autora percebeu que as análises sobre a variação das pretônicas no noroeste paulista (Silveira, 2008) são as que mais se parecem às suas, enquanto que a média posterior se aproxima do dialeto do Sul (Bisol, 1981).

Yacovenco (1993) descreveu as vogais pretônicas na fala culta do Rio de Janeiro, com os dados do projeto Nurc (Norma Culta Urbana). A partir da análise, a pesquisadora mostrou que a realização da vogal média pretônica não se volta tanto para as vogais atuantes sobre esses segmentos, mas no contexto fonético em que se encontram as pretônicas, sendo mais relevantes os segmentos antecedentes ou subsequentes às vogais analisadas.

Carmo (2009) analisou o fenômeno de alçamento vocálico através dos verbos, como em s[e]guiu~ s[i]guiu e d[o]rmiu ~ d[u]rmiu, etc. Carmo (2009) comparou seus achados com os estudos de Silveira (2008), no que tange à aplicação do processo de alçamento em nomes (substantivos) e verbos. Concluiu-se que há mais semelhanças em ambas as pesquisas do que diferenças. A diferença entre elas refere-se ao processo fonológico que melhor explica a elevação da pretônica. Para os nomes, Silveira (2008) aponta redução vocálica, já para os verbos, Carmo (2009) considera a harmonização vocálica como mais atuante e significativa.

No dialeto nordestino, Silva (2009) mostra a predominância das vogais médias abertas, mas constata a elevação considerável em relação à média posterior. A autora analisou 5.308 dados de falas coletados em entrevistas com 36 informantes, estratificados por ‘sexo/gênero’, ‘faixa etária’ e ‘escolaridade’. De acordo com os fatores linguísticos, destacam-se: ‘contiguidade da vogal’, ‘tonicidade’, ‘paradigma’, ‘distância da tônica’, ‘deriva da tônica’ e os ‘contextos fonológicos’ tanto os seguintes quanto os precedentes.

Após obter os resultados da análise, a autora observou que as consoantes ‘velar’, ‘coronal’ e ‘palatal’ se destacam no favorecimento da variação da pretônica. Os resultados coincidem com pesquisas anteriores, como as de Barbosa da Silva (1989), Graebin (2008) e Alves (2008).

Diante do postulado teórico e da revisão de literatura, pode-se observar o processo de alçamento e abertura de vogais médias em posição pretônica como um processo bastante estudado no Português Brasileiro (PB). No entanto, emerge tratar de tal no cenário alagoano, visto que este é o primeiro trabalho que envolve o dialeto alagoano e o primeiro que aborda tal fenômeno no estado alagoano, sob a perspectiva variacionista.

METODOLOGIA

Esta pesquisa faz parte do projeto maior intitulado “Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL”. Busca-se a identificação dos fatores sociais e linguísticos que

contribuem para explicar um determinado processo linguístico variável, sendo nesse estudo, o fenômeno de alçamento e abertura de vogais anteriores.

A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho foi fundamentada, principalmente, na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, apresentado em William Labov (1972), o qual prevê a análise de dados coletados em situações reais de uso da língua. Segundo Labov, o foco da análise variacionista se dá por meio da análise de estilos nos quais “encontramos a fala mais sistemática, onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente (LABOV, 2008 [1972], p. 244)”.

Nesse sentido, os falantes de uma determinada comunidade linguística adéquam-se às mais diversas situações reais do uso da língua, apresentando estilos diversos de falar. Para Labov (2008/1972), o estilo mais casual denomina-se “vernáculo” e caracteriza-se como o estilo “em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala (LABOV, 2008 [1972], p. 244)”.

Para o referido teórico, não se deve esperar encontrar a fala vernacular em uso diante de uma entrevista, pressupondo-se que a fala é sempre mais monitorada nestas situações do que em situações informais; entretanto, estratégias metodológicas podem contribuir para revelar dados muito próximos do vernáculo do entrevistado. Para Labov (2008), só podemos obter dados reais de falas espontâneas das pessoas quando elas perceberem que não estão sendo sistematicamente observadas, no entanto, só conseguimos isto por meio da observação sistemática. Labov denominou esse problema de paradoxo do observador.

Diante disso, Labov (2008/1972) traz à tona alguns recursos para superar tal paradoxo. Inicialmente, propõe que o informantes sejam envolvidos com perguntas e assuntos que lhes recriem emoções fortes do passado, afim de acabar com os constrangimentos da situação de entrevista. Neste estudo, utilizamos nas entrevistas assuntos relacionados à vida dos informantes, como: interesses e gostos pessoais, relações familiares, histórias da infância e/ou da infância dos filhos, histórias da cidade, histórias do tempo no contexto escolar, entre outros.

O *corpus* analisado neste estudo foi constituído por 48 entrevistas, sendo 24 falantes da capital de Alagoas, Maceió/AL e 24 falantes da cidade de Arapiraca/AL. As entrevistas tiveram entre 9 a 11 minutos de duração e foram gravadas na residência e/ou local de preferência de cada um dos falantes, sempre após um contato inicial utilizando o método ‘amigo de um amigo’ (MILROY, 2004).

É importante ressaltar que os entrevistados foram instruídos antes de iniciar as gravações, atentando-os para o que seria conversado, respeitando e cuidando sobre o que seria

dito para não deixá-los apreensivos e, por fim, amenizar ainda mais o paradoxo do observador. Posteriormente, os questionários sociais foram aplicados e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após a etapa de gravações, deu-se início as transcrições e, na sequência, os dados foram analisados acusticamente com o auxílio do *software* PRAAT. Para a constituição do banco de dados foi necessário fazer um recorte considerando apenas os 4 minutos iniciais da gravação da fala de cada um dos falantes, de modo a possibilitar que a análise fosse realizada com mais participantes sem que a quantidade de dados fosse muito ampliada.

Para a criação do banco de dados, as ocorrências foram listadas em uma planilha do Excel, no qual foram criadas, inicialmente, as colunas ‘palavra’, ‘F1’ e ‘F2’, respectivamente. Na coluna ‘palavra’, após as 211 linhas terem sido criadas, preencheu-se somente as palavras com a vogal ‘e’ em posição pretônica. Posteriormente, a análise estatística foi realizada com o auxílio do *software* R.

A variável dependente deste estudo será a diferença entre F2 e F1. As vogais anteriores mais altas têm F1 mais baixo e F2 mais alto. Já as vogais mais baixas têm F1 mais alto e F2 mais baixo. Assim, quanto maior a diferença entre F2 e F1, mais alta será a vogal.

A amostra deste trabalho foi estratificada através dos contextos das variáveis sociais em relação ao ‘sexo/gênero’ (masculino e feminino), à ‘faixa etária/idade’ (entre 18 e 35 anos, entre 45 e 55 anos e > 65 anos), à ‘escolaridade’ (< 9 anos e > 11 anos) e, por último, à ‘cidade’ (Arapiraca/AL e Maceió/AL). O intervalo entre as faixas etárias e as escolaridades tem como finalidade evidenciar as diferenças entre os grupos. Todos os falantes selecionados são nascidos em Maceió/AL ou Arapiraca/AL ou que, pelo menos, moradores dessas cidades há mais de 20 anos.

O método estatístico utilizado foi a regressão linear, tendo como variável dependente a diferença entre o 2º formante e o 1º formante vocálico das vogais anteriores imediatamente anteriores à sílaba tônica e como variáveis independentes a ‘altura da vogal tônica’, o ‘sexo/gênero’, a ‘idade’, a ‘escolaridade’ e a ‘cidade’.

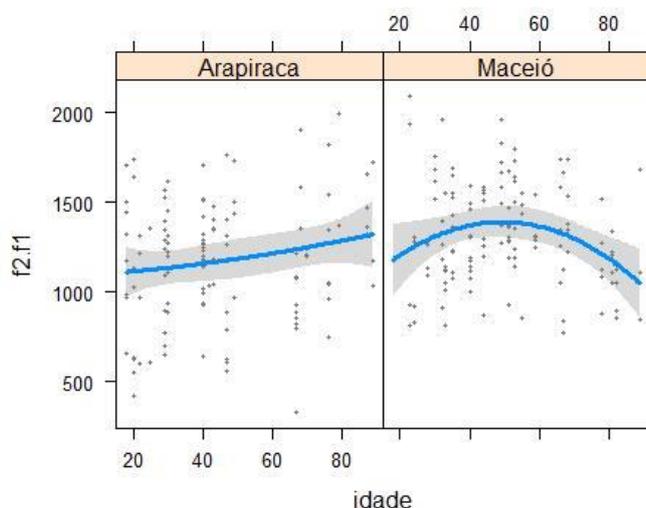
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos os resultados para as variáveis independentes levadas em consideração nesta pesquisa.

Após rodarmos os dados no *software* R, constatamos que as variáveis que mostraram-se, estatisticamente significativas, foram o ‘gênero’, a ‘idade’, a ‘cidade’ e a ‘altura da vogal tônica’. Houve interação significativa entre ‘cidade’ e ‘idade’. Todos os resultados correspondem à interferência de tais variáveis na diferença entre F2 e F1.

O gráfico a seguir mostra os resultados obtidos pela análise estatística da variação F2-F1 para a variável ‘idade’ em relação às duas regiões/cidades alagoanas. Vejamos abaixo:

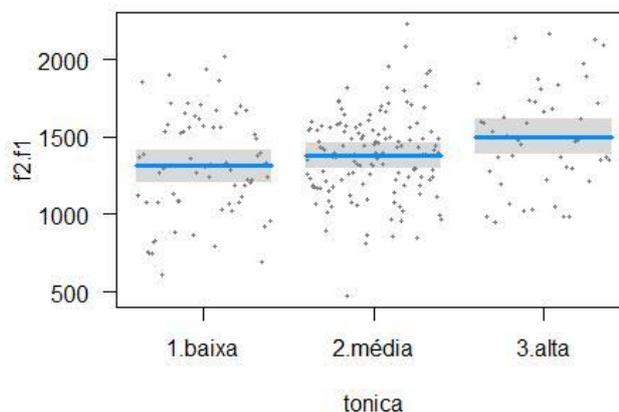
Gráfico 1: F2-F1 em relação à *idade* nas diferentes cidades (sig<0,05)



A princípio, conforme os resultados apresentados no gráfico acima, nota-se, que no contexto arapiraquense, há indícios de que o fenômeno encontra-se em processo de mudança linguística em progresso em direção ao alçamento. Por outro lado, pôde-se observar que em Maceió/AL, a faixa etária intermediária mostrou-se favorecer mais o alçamento, sendo assim, tal resultado indica um processo de variação estável na capital alagoana.

Os resultados a seguir referem-se à variável ‘altura da vogal tônica’. Observemos a seguir:

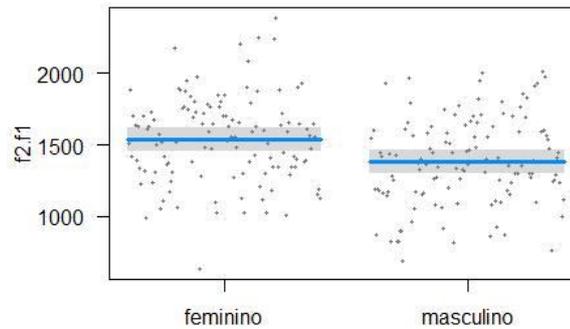
Gráfico 2: F2-F1 em relação à *altura da vogal tônica* (sig<0,05)



De acordo o gráfico acima, pode-se constatar que há uma relação diretamente proporcional entre a altura da tônica e a altura da pretônica, fato este que pode ser explicado pela regra de harmonização vocálica, corroborando o que já propunham em estudos anteriores. Segundo Bisol (1981), no contexto da harmonização vocálica, vogais altas na sílaba tônica favorecem o alçamento da pretônica.

O gráfico 3, mostra os resultados significativos para a variável 'gênero'. Observemos abaixo:

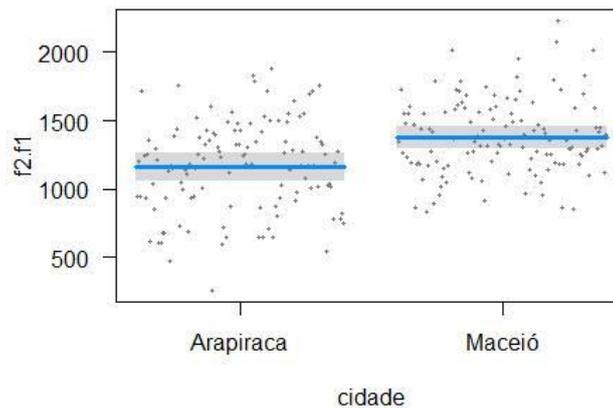
Gráfico 3: F2-F1 em relação ao sexo/gênero (sig<0,05)



Como se constatou acima, percebe-se que o sexo/gênero feminino favorece o alçamento e o masculino favorece a abertura.

Levando-se em consideração os resultados estatísticos em relação à variável 'cidade', a seguir:

Gráfico 4: F2-F1 em relação à cidade (sig<0,05)



Os resultados apresentados no gráfico 4 constataam que há mais alçamento no falar de Maceió/AL (Região Metropolitana) comparando-se com os resultados obtidos da cidade de Arapiraca/AL (Região Agreste).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o alçamento e a abertura de vogais médias pretônicas no falar de Maceió/AL e Arapiraca/AL, buscando identificar e explicar os fatores favorecedores do processo. Pudemos observar que o alçamento e a abertura de vogais pretônicas é um processo bastante analisado no PB, no entanto, este é o primeiro a envolver um estudo no dialeto alagoano e, principalmente, o primeiro estudo variacionista a analisar a variável dependente como contínua.

Conclui-se que a cidade de Maceió apresenta maior diferença entre F2 e F1, indício de que há mais tendência ao alçamento de /e/ nesta cidade e de mais abertura em Arapiraca. Por outro lado, a análise da variável 'idade', interagindo com 'cidade', nos mostra que o processo está estável em Maceió, mas com tendência à mudança em direção ao alçamento na cidade de Arapiraca.

Com relação à variável 'sexo/gênero', as mulheres apresentaram maior diferença entre F2 e F1, o que indica maior probabilidade de alçamento do que nos homens.

Conclui-se também que há uma relação diretamente proporcional entre a altura da vogal tônica e a altura da vogal pretônica, o que pode ser explicado pela regra de harmonização vocálica, como já propunham outros estudos.

Em pesquisas futuras, esperamos uma análise mais ampliada, a fim de aprofundar ainda mais o estudo a respeito do alçamento e abertura de vogais pretônicas, visto que tivemos uma literatura bastante difundida em relação a esse tema no PB, no entanto, escassa no falar alagoano.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. M. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: um estudo da variação à luz da Teoria de Otimalidade*. 2008. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- AMARAL, L. I. C. *O abaixamento do /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha*. 1996. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul.
- BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 283f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BISINOTTO, A. G. *O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar ituiutabano*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica – uma regra variável*. 1981. 333f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas nos verbos da fala culta do interior paulista*. 2009. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do rio Preto.
- CASTRO, E. C. *As pretônicas na variedade mineira juiz de forana*. 1990. 308f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CHAVES, I. O. *Panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português do Brasil: meta análise das pesquisas desenvolvidas de 1980 a 2012*. 205f. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.
- CRUZ, M. C. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre - RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente*. 2010. 203f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- COELHO, I. L. *et al. Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- DIAS, M. R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Outro Branco*. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- GRAEBIN, G. S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. 2443f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- GUIMARÃES, R. V. M. *Variação das vogais médias na posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade*. 2006. 212f.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

KAILER, D. A. *Vogais pretônicas /e/ e/o/*: um estudo em tempo aparente. 2008. 302f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) - Universidade Estadual do Noroeste Paulista, Araraquara.

KLUNCK, P. *O alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].

MILROY, L. *Social networks*. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford:Blackwell, 2004. p.573-600.

SCHWINDT, L. C. S. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país*: uma análise variacionista. Porto Alegre: PUCRS, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*: a variedade culta de Salvador. 1989. 377f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

VIANA, V. F. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas*: um caso de variação linguística. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais.

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais médias pretônicas*: uma abordagem sociolinguística. 1987. 231 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. 189f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.